IMPACTOS PASSAGEIROS: UMA ABORDAGEM POÉTICA SOBRE LAMBE-LAMBES

Brasília

2023

Amanda Morais Silva

16/0001293

Impactos Passageiros: Uma abordagem poética sobre lambe-lambes

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Tatiana Fernández Méndez

Brasília

2023

Resumo

Este trabalho pretende investigar e discutir os impactos socioculturais dos meus cartazes lambe-lambes e a interação entre eles e a cidade. A pesquisa permeia parte da história dos lambes, sua repercussão no mundo da arte e, em paralelo, utiliza da minha própria obra, minhas influências e, por fim, questionários e entrevistas para coletar dados qualitativos. A análise combinada desses dados revelou percepções de como o lambe-lambe dialoga com pessoas que circulam no centro de Brasília provocando reflexões sobre questões políticas, sociais e culturais e ampliando perspectivas na sociedade.

Palavras-chave: Cartaz lambe-lambe; arte urbana; intervenção urbana; impacto;

Agradecimentos:

Finalmente fechar esse ciclo é bacana, por isso esses agradecimentos vão ser enormes. Primeiramente, a minha orientadora Tatiana por toda a paciência e direção. Aos amigos que me acompanharam no início do curso, Nathália e Gabs. Aos amigos que conheci no caminho, Lígia e Grazi, aos inúmeros veteranos que me guiaram e não lembro o nome. A minha afilhada de curso, Kaka. A que ficou pra sempre, Andresa, que sempre me acompanhou. Aos amigos antigos, Arthur, Caio, Pepeu, Belinha, muito carinho. Aos bestas Rebeca, Bebelle e Vitinho que independentemente da situação acadêmica e de vida ♡♡♡ A Bia e a Bru que me inspiraram a estudar e sempre dar o meu melhor. A Dani que me inspira a investir em mim e lutar pelos meus sonhos. Aos meus irmãos e irmãs da Ballroom. Principalmente ~~aos~~ ao Caiuá por ter me ajudado a finalizar esse processo intenso que é escrever um TCC, obrigada por ser meu irmão! A minha melhor amiga de vida, Bruna. A minha mãe e ao meu pai por não me deixarem desistir. Pela ajuda, carinho, apoio e companheirismo por toda a ajuda, Henrique meu irmão por me inspirar. Eita meu amor por essa jornada, Henrique eu te amo. A tantos e muitos mais, esse trabalho é dedicado a vocês que amo muito. ~~Todos~~ ~~Todos os dias~~

Consegui chegar até aqui e já estou ansiosa pro próximo capítulo.

Beijinhos ♡

♡♡

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **7**
ATO I - GOSTO DE SABER OS BABADOS HISTÓRICOS **10**
ATO II – QUAL O BAFO DO LAMBE? **13**
ATO III – PASSANDO O GRUDE NO PAPEL **21**
ATO IV – O QUE POSSO TIRAR DISSO? **31**
POR FIM **34**
REFERÊNCIAS **38**
APÊNDICE **40**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lambe que vi num poste da 210 norte. Autor desconhecide **7**
Figura 2 - Conjunto de lambes na parede do Instituto de Artes da UnB, autores desconhecides **10**
Figura 3 - Conjunto de lambes na parede do Instituto de Artes da UnB, autores desconhecides **10**
Figura 4 - "Bal au Moulin Rouge", cartaz de 1889, de Jules Chéret **10**
Figura 5 - Imagens de cartazes encontrados em paredes do Setor Comercial Sul **14**
Figura 6 ..... **14**
Figura 7 - Coletivo Transverso, estêncil que vi perto do Parque da Cidade **15**
Figura 8 - Minha obra no Ceubinho **18**
Figura 9 ..... **18**
Figura 10 ..... **18**
Figura 11 - Arquivo público, 1968 ..... **19**
Figura 12 ..... **19**
Figura 13 - 1ª experiência de Lambe-lambe de Amanda Morais para a pesquisa **22**
Figura 14 ..... **22**
Figura 15 ..... **23**
Figura 16 ..... **23**
Figura 17 ..... **23**

Figura 18 ..... **23**

Figura 19 - Prints de Imagens enviadas por conhecidos via redes sociais **24**

Figura 20 ..... **24**

Figura 21 ..... **24**

Figura 22 ..... **25**

Figura 23 ..... **25**

Figura 24 ..... **26**

Figura 25 ..... **26**

Figura 26 ..... **26**

Figura 27 - Lambe-lambe afronta crente 2 de Amanda Morais **27**

Figura 28 - Lambe-lambe afronta crente 1 de Amanda Morais **27**

Figura 29 Figura 30 ..... **27**

Figura 31 ..... **28**

Figura 32 ..... **28**

Figura 33 ..... **28**

Figura 34 ..... **28**

Figura 35 ..... **29**

Figura 36 ..... **29**

Figura 37 ..... **29**

Figura 38 ..... **29**

Figura 39 ..... **30**

Figura 40 ..... **30**

Figura 41 - Lambe encontrado no mezanino do Ceubinho na UnB, autor desconhecide **34**

Figura 42 ..... **36**

Figura 43 ..... **36**

Figura 44 - Foto por Samuel Malta **37**



Figura 1: Lambe que vi num poste da 210 norte. Autor desconhecide.

INTRODUÇÃO

O mundo dos lambe-lambes me fascina. Provoca um frio na barriga quase adolescente, da época em que as revistas vinham com pôsteres e fazíamos uma montagem, como uma espécie de "muralzinho ou mini galeria" com fotos e imagens de celebridades, personagens do nosso imaginário, cantoras ou galãs de novelas, na parede do próprio quarto. Colagens e sobreposições, um bombardeio de informação que mais pareciam uma exposição privada dos próprios interesses e convicções. Esse sentimento de encarar e admirar uma parede por um tempo, analisando seus detalhes e significados, se já vivido por você que está lendo, talvez tenha sido meu primeiro flerte com esse mundo.

Flerte esse que ficou maior conforme fui crescendo e querendo ir além das paredes do meu próprio quarto. Fora de casa, os caminhos por onde eu passava me apresentavam para novas possibilidades, formatos e cores de pôsteres, cartazes e murais muitas vezes formados

por um agrupamento de colagens individuais, ora anônimas, ora assinadas, nas paredes da Capital. As quadras e muros passaram a captar mais e mais minha atenção e interesse por seus papeis colados. Quase como "tatuagens temporárias" de certos espaços. E não apenas como adornos, conseguiram estabelecer um diálogo com o individual, com o coletivo de pessoas e com a cidade como um todo.

Essa pesquisa surge da minha curiosidade e do meu interesse em participar desse diálogo, entendê-lo, e pretende questionar como funciona a conversa entre os lambes e a cidade e avaliar seus impactos socioculturais. Para analisar esse papo entre a cidade, seus habitantes e essa forma de arte, encontro em meus objetivos os caminhos das respostas. Criar lambes para participar diretamente do assunto, colocá-los em vários pontos da cidade, acompanhar esse diálogo de perto e registrar tudo foi, basicamente, por onde andei. O mais interessante foi perceber como essa arte, com prazo de validade indefinido e ao mesmo tempo finito, tem tão poucas pesquisas dentro das artes visuais.

Convido você, dentro da perspectiva particular desta artista que narra a história, a explorar comigo esse espaço a partir de todas as conversas que tive com a cidade sempre que transitava por seus diversos trajetos. Minhas reflexões e experiências na longa estrada que foi escrever esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) me levaram a entender o diário de bordo como a melhor maneira de relacionar a pesquisa que queria fazer, minha poética e o trabalho acadêmico, em busca, principalmente, de investigar quais os impactos do lambe-lambe como força de identidade e ocupação dos espaços públicos. E por se tratar de um assunto que vai além do que se pode ler, mas por onde se pode permear, distribuí minhas realizações em ATOS.

No ATO I, conto a história de como cartazes de divulgação e publicidade foram transformados em ferramentas políticas de comunicação com as massas. Os cartazes, ao serem apropriados por artistas, tornaram-se uma forma estratégica de propagação de ideias durante a *Belle Époque*. Viajaremos a Paris para entender como os cartazes de Jules Chéret provocaram tanto o público a ponto de fazê-los perceber a influência de seus cartazes nas diversas classes sociais e na boêmia local. Foram os primeiros passos para os estudos sobre a publicidade e a evolução da técnica influenciando completamente a qualidade dos trabalhos e a forma como eram vistos pela sociedade da época. E para além das fofocas históricas, analiso como o lambe, aos poucos, se tornou uma arte que pertence à cidade.

É impossível falar sobre esse assunto sem falar da cidade e seu movimento. Os cartazes por muito tempo da nossa história atuaram direcionando o fluxo das cidades, conversando com as vias e paredes. E as metrópoles sempre respondendo, as pessoas sempre reagindo e colaborando para esse curso. Vi essa movimentação necessária para desenvolver os meus próprios processos dentro da pesquisa. Entender que, por se tratar de uma conversa, existem inúmeras possibilidades de respostas.

No ATO II, me reconecto com meu próprio lambe. Arte urbana e arte como ferramenta política de mobilização social, durante toda a graduação, sempre me impactaram muito. Olhar para a arte urbana como possibilidade de comunicar algo me fazia sentir que, como artistas, nós temos o poder de, por meio de uma obra, provocar alguma reflexão, fazer as pessoas pensarem de forma diferente, sob outra perspectiva. E a partir disso, vi meus trabalhos se conectando muito com essas questões. Como diversas matérias e trabalhos desenvolvidos a partir de perspectivas diferentes (como por exemplo o lugar onde ele é apresentado) estavam impactando a minha arte. Sentia também que nós temos um olhar questionador sobre o mundo. Nos encantamos por detalhes e dimensões.

No ATO III, realizo intervenções com meus lambes pela cidade a partir das perspectivas geradas pelas investigações e reflexões presentes nos capítulos anteriores. Apresento os resultados verificados nessa observação de interação entre as obras e a cidade, a partir de relatos e imagens. Também desenvolvo uma pesquisa qualitativa para entender melhor, através de entrevistas, como se dá o diálogo entre as pessoas de Brasília e os cartazes.

E por fim, no ATO IV, analiso o resultado das entrevistas com base em critérios como interesse, provocação e interação, em que avalio a relação direta entre lambes e pessoas.

Com esse TCC pretendo trazer vivências, referências e inspirações que ao longo da minha vida acadêmica desses [redacted] anos que estive na universidade complementaram e moldaram ainda mais a artista que sou hoje. Reuni meus trabalhos antigos e parti para a ação, colando cartazes por aí, provocando, informando, dialogando e me compreendendo como cidadã de Brasília. No final, trago as conclusões que essa pesquisa e caminhada me trouxeram como um último tabaco nos banquinhos em frente ao prédio do Instituto de Artes (SG1).

Boa leitura!



Figura 2 - Conjunto de lambes na parede do Instituto de Artes da UnB, autores desconhecides.



Figura 3 - Conjunto de lambes na parede do Instituto de Artes da UnB, autores desconhecides.

ATO I - GOSTO DE SABER OS BABADOS HISTÓRICOS

CARTAZES - COMUNICAÇÃO, ARTE E POLÍTICA



Figura 4 - "Bal au Moulin Rouge", cartaz de 1889, de Jules Chéret.

No século XIX, com a invenção da indústria de impressão em massa e os desenvolvimentos da técnica, surge a possibilidade de uma nova forma de comunicação: o poster ou cartaz artístico de rua. A xilografia e a litografia foram responsáveis por iniciar o movimento de artes gráficas e impressas, possibilitando a reprodutibilidade de imagens. O cartaz urbano, de acordo com Marcus Verhagen, inicialmente é uma "ferramenta comercial tosca, um anúncio preto e branco com uma imagem altamente esquemática ou sem nenhuma imagem". Jules Chéret é tido

como o pioneiro na integração entre a publicidade, a indústria e a produção artística. Durante a *Belle Époque*, na França, Chéret ganhou notoriedade na cena parisiense por seus cartazes coloridos que transmitiam alegria, sensualidade e causavam muito impacto no público.

Seus desenhos eram dominados por figuras femininas dançantes e provocantes conhecidas como *chérettes.* A *chérette* se tornou um símbolo de captação da população. Verhagen fala que Chéret combinava, através de suas figuras, os atributos da sensibilidade com um anonimato pessoal. A alegria transmitida pelas personagens seduzia o público e o fazia agir e reagir, convidando-o para o evento com o qual estavam associadas. O artista, juntamente com os irmãos Léon e Alfred Choubrac, reduziu os custos da litografia colorida por meio de aperfeiçoamentos técnicos e tornaram mais atrativo ainda o cartaz como um meio de promoção.

> "O cartaz evoluiu junto com a florescente indústria do entretenimento. Foi somente a partir de meados da década de 1890 que artistas como Chéret passaram a ser chamados com regularidade para desenhar anúncios de produtos alimentícios e bens de consumo: até então, dedicavam-se principalmente à promoção de novas casas de lazer, cafés-concerto, *music-halls,* circos e hipódromos, os quais ofereciam shows originais a preços moderados para audiências cada vez maiores da Terceira República Francesa." (VERHAGEN, 2004, p. 131-132)

Para mim, é muito interessante como a ideia de modernidade começa a se misturar com a arte e a tecnologia da época. Os artistas passaram a ressignificar e desenvolver as técnicas gráficas, e também, a repensar as composições, estéticas e formas de comunicar de suas obras.

Os cartazes informavam ao público da variedade de programas disponíveis pela cidade, vendendo essa impressão do luxo e permissividade sexual, e trazendo um toque de megalomania, assim como as casas noturnas que promoviam. Verhagen aponta que comentaristas da época ficaram impressionados com a quantidade de cartazes ao seu redor, e que somente Chéret havia criado quase mil desenhos até o ano de 1886, de tão intensa a atuação dos cartazistas da indústria do entretenimento. Cartazes permeavam todos os tipos de bairros e partes da cidade.

O autor cita Georges d‟Avenel, um historiador, economista e conservador do período, que descrevia a *chérette* tendo expressões salientes, roupas transparentes e posturas muito “à vontade”. E provocado por ela, da mesma forma que muitos naquele tempo, escreveu que ela era “muito audaciosa ao empregar seus charmes”. Por isso, para ele, a publicidade não tinha bom gosto e era comparada com o governo democrático, já que se dirigia tanto aos trabalhadores quanto à classe média, e não poderia ser considerada como uma arte maior. d‟Avenel, da mesma maneira que se admirava com o sucesso e a crescente sofisticação técnica do cartaz, também trazia o conservadorismo de ver as imagens atrevidas como uma ameaça obscura para a integridade da sociedade de classes. d‟Avenel tem a impressão que a publicidade estava se tornando uma ciência.

> “A questão do bom ou mau gosto do cartaz e a controvérsia de sua condição artística estavam inextricavelmente ligadas a percepções do seu valor social. d‟Avenel estava expressando a preocupação com que o surgimento da cultura de massa foi recebido nos círculos conservadores. A publicidade, escreveu, originou-se “da mistura mais íntima das classes.” (VERHAGEN, 2004, p. 133)

E diferentemente de d‟Avenel, os escritores da imprensa anarquista e de esquerda defendiam e apoiavam o cartaz ferozmente. Verhagen traz Félix Féneon, que argumentava que o desenho do cartaz era sim uma arte: “Faltavam-lhe os ornamentos do gosto oficial, mas tinha uma vitalidade que não se comparava à pintura de Salão e o grande mérito de ser visível para todos”. Ele inclusive recomendava que seus leitores arrancassem os anúncios dos muros onde estavam colados para usá-los na decoração de suas casas.

Um lugar onde o cartaz também foi muito festejado foi na comunidade boêmia de Montmartre, a qual muitos dos cartazistas mais bem-sucedidos da época estavam ligados, como Henri de Toulouse-Lautrec, por exemplo. Verhagen aponta que “numa época em que visitar bairros pobres era a última moda, seus cabarés, que cultivavam uma reputação de entretenimento sedicioso, atraíam os busca-prazeres de todas as partes de Paris”.

Verhagen também aponta Ernest Maindron como o mais dedicado defensor do cartaz. Maindron foi o curador de uma exposição sobre a história da publicidade em 1889 e escreveu dois livros sobre cartazes. Defendeu com entusiasmo a validade do cartaz como uma forma de arte concedendo todos os atributos das belas-artes. Com afirmações rebuscadas, muito

elaboradas e numerosas, Maindron reiterava que o cartaz havia se tornado um artigo de colecionador e o via como o renascimento de uma tradição decorativa que tinha um lugar estabelecido na história da arte. Reconhecia também as situações altamente sugestivas de cortejo e sedução nos cartazes, e ao mesmo tempo remontava essas situações "a uma arte do passado completamente legítima."

"Penso que podemos esperar [do cartaz] a fórmula ideal para uma nova arte do afresco." (MAINDRON apud VERHAGEN, 2004) foi um comentário que se tornou popular e diversos outros escritores fizeram exatamente a mesma observação sobre os trabalhos de Chéret, posteriormente. E em suas defesas ao cartaz, Maindron até exagerava em alguns comentários afirmando que o cartaz plantava gosto pela arte e "até ensinava os iletrados a ler" (2004). Ele afirmava a influência proveitosa do cartaz no público em geral, contudo estava ciente de que o valor artístico do cartaz e suas repercussões morais e sociais estavam abertas ao debate, e permanecem até hoje.

É interessante olhar para trás e ver que os cartazes se estabeleceram sim como arte e se tornaram mais uma linguagem visual, independentemente das discussões a favor e contra da época. A apropriação do cartaz publicitário por artistas como Chéret enriqueceu bastante a técnica e, principalmente, o seu conceito. Hoje em dia não vemos mais cartazes da *Belle Epoque* nas ruas da cidade, todavia presenciamos sua nítida influência em outros artistas que, como Chéret, provocam impacto no público, reflexões e também exploram essa linguagem visual na atualidade.

ATO II – QUAL O BAFO DO LAMBE?

MINHAS PERSPECTIVAS SOBRE O LAMBE-LAMBE

Em dezembro de 2022, iniciei oficialmente esse diário. Foi a partir desses registros e anotações que fui me guiando por todos os caminhos que percorri durante a pesquisa. Por quatro meses, fiquei observando e registrando muitos pensamentos e reflexões a respeito do que os lambes que via pela rua me faziam sentir. Me transportando e buscando talvez entender o que a boêmia parisiense sentia quando via os cartazes de Toulouse-Lautrec ou de Chéret. Pensando muito sobre como o lambe funciona dentro do Distrito Federal, mais especificamente em Brasília, no Plano Piloto, uma cidade toda montada e planejada onde procurar o acaso vira um vício. Nos meus primeiros contatos com lambe-lambes pela Capital,

lembro de ficar sempre buscando por mais, mais lambes na rua, mais frases para ler por onde passava.

O artista Cildo Meireles me inspirou muito nesse início. Cildo soube brincar muito bem com os mecanismos de circulação da nossa sociedade e com a mensagem que ele queria passar. A obra Inserções em circuitos ideológicos, com os projetos “Coca-Cola” (1970) e “Cédula” (1975) me trouxeram percepções sobre como atingir o público através da arte política.

Dessa forma, resolvi começar a me movimentar pela cidade como a maioria da nossa população se movimenta: a pé. Depois de estabelecer minha rotina semanal de para onde ir e onde devo estar, me deparei com diversos lugares nesses caminhos cheeeeeeios de lambes. Mas não só os lambes voltados para o artístico ou político, mas também aqueles curiosos e até divertidos, bons e velhos anúncios, como “Trago seu amor de volta em 3 dias” ou “Dentista: Promoção de aparelhos para dentes”. Principalmente nas paradas de ônibus da cidade.



Figura 5 - Imagens de cartazes encontrados em paredes do Setor Comercial Sul.



Figura 6



Figura 7 - Coletivo Transverso, estêncil que vi perto do Parque da Cidade.

Talvez o maior contato com lambe-lambes do povo brasileiro seja esbarrar com esse tipo de cartaz publicitário. E nos diversos viadutos, postes, esquinas e paredes de Brasília encontrei os lambes poéticos do Coletivo Transverso.

O Coletivo Transverso surge aqui na capital em 2011 com o objetivo de intervir de forma poética nos espaços públicos. Já percorreu outras grandes capitais do Brasil, como Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, e até no exterior, e é uma das maiores referências de arte urbana de Brasília. Seus lambes invadiram e invadem diariamente o cotidiano e as paisagens de diversos pontos dos centros urbanos. Em seu livro ATENÇÃO! ISSO PODE SER UM POEMA, o Coletivo Transverso descreve perfeitamente meu pensamento de buscar gerar reações com minhas obras de arte. Pegar o passante de surpresa. E também questiona como o acaso do encontro da pessoa que passa com a obra em si gera essa identificação coletiva e individual ao mesmo tempo.

> "Os artistas que trabalham com ações de rua são surpreendentes porque tomam de ataque o passante desavisado. Curioso, o passante suspende o passo e, em uma rápida fração de tempo, entra em contato com o inusitado na paisagem. O que ele vê e lê surge, como mensagem pública e compartilhada, ao mesmo tempo que se torna argumento individual. Parece um despudor: como pode estar ali para mim e para todos a um só tempo?" (COLETIVO TRANSVERSO, 2009, p. 9)

E nesse ato simples de criar e levar poesia à rua, entenderam a linguagem própria da cidade e como ela conversa com seus habitantes. Para o coletivo, o espaço urbano é simbólico e disputado. Ele tem suas próprias formas de organização onde a intervenção urbana atua como um recorte na lógica das cidades. Também fala o que o muro pode representar, o medo e a insegurança de se transitar livremente. A imposição desse limite, não apenas visual, mas física, porque muros afastam. Algo que também encanta é o grupo utilizar a propagação das imagens na internet, fazer troca de lambes por correio e incentivar a reprodução de arquivos digitais, trazendo para a contemporaneidade algo que se sagrou

apenas fisicamente. O Coletivo Transverso entende que intervir no espaço público é um ato político e busca disseminar a arte dessa maneira.

Olhar as mesmas paredes, passar pelos mesmos lugares todos os dias cansa a visão. Em algum momento a mente já associa a área à rotina e a sua monotonia. Mas a cidade é viva, tem suas próprias movimentações e fluxos. Ela costuma nos provocar com sua espontaneidade e, muitas vezes, nos direciona por seus caminhos não intencionalmente. O que chamou minha atenção em meio a tudo isso é justamente o que atravessa e ocupa esses espaços que são fixos e estáticos, no entanto frequentados constantemente.

Quando criança me encantava demais pelas obras de intervenção urbana que via pela rua - culpo o filme A Era do Gelo ao mostrar uma cena dos personagens dentro de uma caverna toda desenhada pelos seres humanos da época, mais tarde sabidamente pinturas rupestres. Fosse um grafite gigante em algum espaço da cidade, ou pequenos cartazes de divulgação nas paradas de ônibus, era essa quebra da expectativa cotidiana que me enchia os olhos. Aquele mesmo caminho que passávamos todos os dias agora tinha um "enfeite" novo (ou mais de um), algo de diferente na paisagem. Implorava aos meus pais que visitássemos aquelas passagens subterrâneas do Eixão de Brasília para ver de perto os desenhos e frases que poderiam ter por ali. Eles não entendiam meu fascínio por aqueles espaços, mas já se desenhava ali um desejo infantil de também já intervir, ainda que inconscientemente.

Lendo o texto de Paulo Knauss (2006), percebi que ele traz sua visão sobre imagem destacando que registros escritos acompanham registros visuais; que a imagem e a escrita sempre conviveram. O autor nos lembra da importância de reconhecer o potencial de comunicação das imagens e sua capacidade de atingir todas as camadas sociais e ultrapassar fronteiras alcançando grupos que nem sempre se identificam pela palavra escrita. Quem sabe ali, já, as primeiras preocupações com a acessibilidade. Comunicação é identidade através de símbolos. Significar as coisas e encontrar significados para os lambes nos joga para um nível metalinguístico. A imagem joga sua identidade para fora. Lambe é arte falando de arte.

Todavia, essa identificação com os cartazes surge de onde? Como ela funciona? Partindo do pressuposto de que o objetivo dos cartazes seja atingir o passante, independentemente da forma, um anúncio que causa repulsa cumpriu seu propósito ao fazer com que alguém olhasse para ele. Passo a investigar o impacto que o lambe-lambe possui como força de retrato urbano na ocupação dos espaços públicos, e o que leva o coletivo a se reconhecer nele.

É aqui que o símbolo se transforma em identidade; somos levados pela imagem, confrontados pelo difuso, confortados pelo pleno. Na maior das atrações e no gigantesco afastamento, é o signo que fala pela imagem, é a identificação; a não-identificação, é a causa. Percepção muda a informação recebida, de acordo com Maria Emilia Sardelich (2006).

Somos artisticamente analfabetos e o lambe procura conversar com essa barreira e ultrapassá-la. A autora comenta que a proposta da leitura de imagens busca desenvolver a linguagem visual como facilitadora da comunicação, porém nas ruas, é a parede que ensina. Sardelich (2006) comenta que nas escolas precisamos de um professor de artes para nos apresentar a prática artística como algo racional. E comenta também outras diversas formas de racionalidade. O cartaz faz esse trabalho por meio do pensar de desconhecidos para o receptor; através disso, ele invade o caminho, é o professor das cavernas modernas, assim como o picho e o grafite.

"Ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada." - Sardelich (2006)

O que mais me fascina quando apresento uma obra são as reações. Em uma disciplina acadêmica sobre Intervenção, Performance e Instalação (IPI) pude explorar sem medo uma parte do meu desenvolvimento enquanto artista de intervenções. Saíamos pela UnB fazendo performances, escrevendo frases em paredes, brincando com o impacto e flertando com as reações. Nessa época senti que queria me adentrar mais para onde as artes urbanas percorriam.

Em 2019 fiz esse trabalho para a disciplina de Ateliê 2. Na época, já completamente apaixonada (e ouso dizer, talvez até um pouco obcecada) por intervenções artísticas e urbanas, a UnB vinha presenciando diversos ataques do governo que cortou 30% do seu orçamento sob a alegação de que "ali só se promovia balburdia". E isso desencadeou a presença de muitos policiais entrando no campus sob o discurso de proteção, em que revistavam alunes e causavam um desconforto geral. Pouco tempo depois, divulgam na mídia uma notícia de que um agente disfarçado da ABIN estava trabalhando de segurança na universidade. Foi quando me ocorreu a ideia para um lambe que causaria reflexão e incômodo.



Figura 8 - Minha obra no Ceubinho.

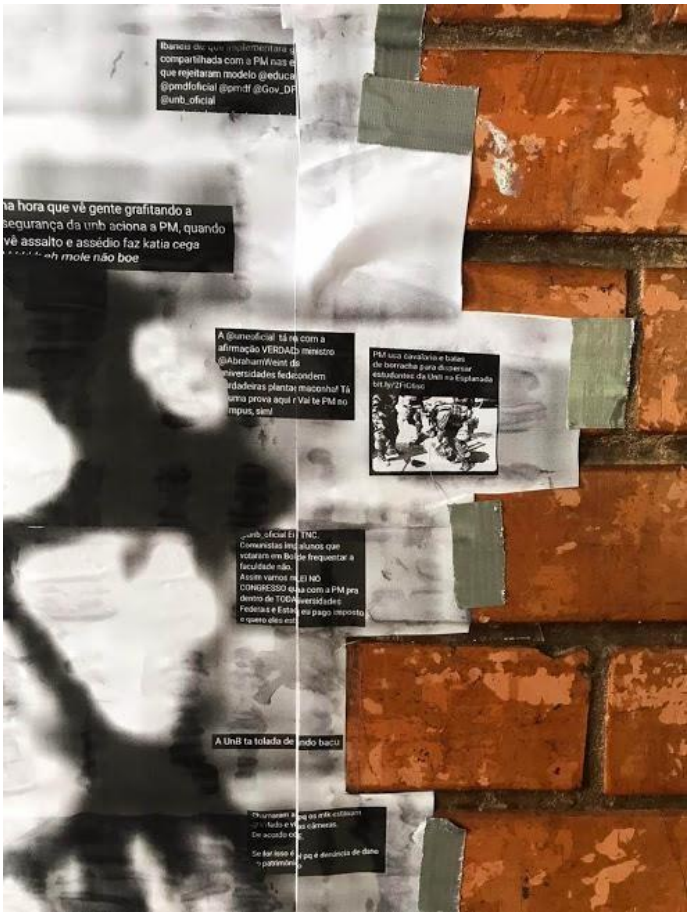




Figura 9

Figura 10

Baseada no trabalho de uma estudante de história, que me inspirou a fazer o pôster lambe-lambe que colei no “Ceubinho”. Em 2018, a aluna Gabriela Zchrotke fez um PIBIC chamado “Espaços de Memória na Ditadura Militar”, onde usou a refotografia para mudar a percepção dos lugares da Universidade e relembrar acontecimentos daqueles espaços. Vendo seu trabalho, procurei no arquivo da UnB as fotos que tinham da época da ditadura, com estudantes sendo perseguidos e policiais disfarçados (ou não).

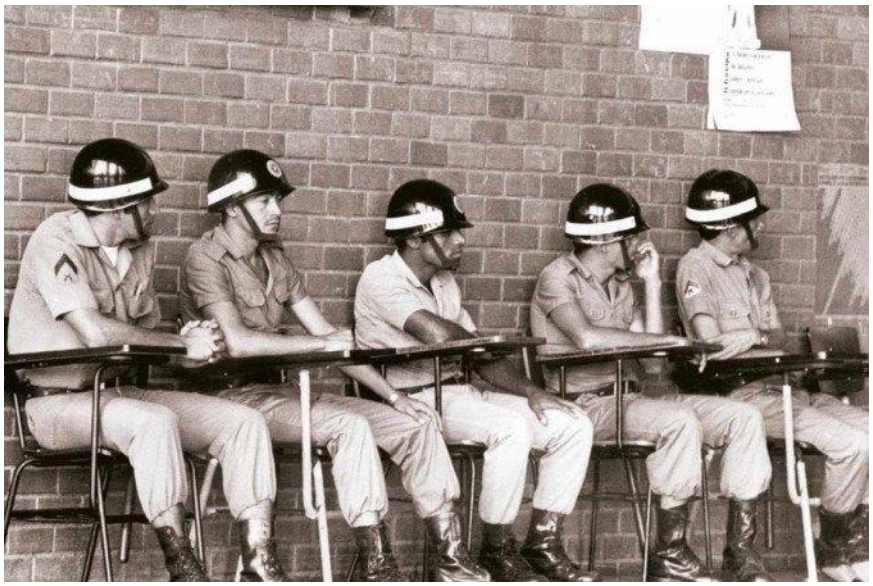


Figura 11 - Arquivo público, 1968.

Assim, uni a refotografia com o lambe, e depois adicionei várias postagens que encontrei no Twitter de pessoas defendendo violência policial dentro da universidade e algumas notícias da polícia dentro do campus. Minha ideia era mostrar para os estudantes que esse diálogo era uma herança da ditadura. Que permitir e até incitar a presença policial no ambiente acadêmico seria reviver a trágica história do passado, o mesmo que ter os próprios guardas da ditadura militar nos observando no dia a dia. Durante a montagem, três agentes de segurança vieram me chamar a atenção e dois dias depois o trabalho foi arrancado da parede.

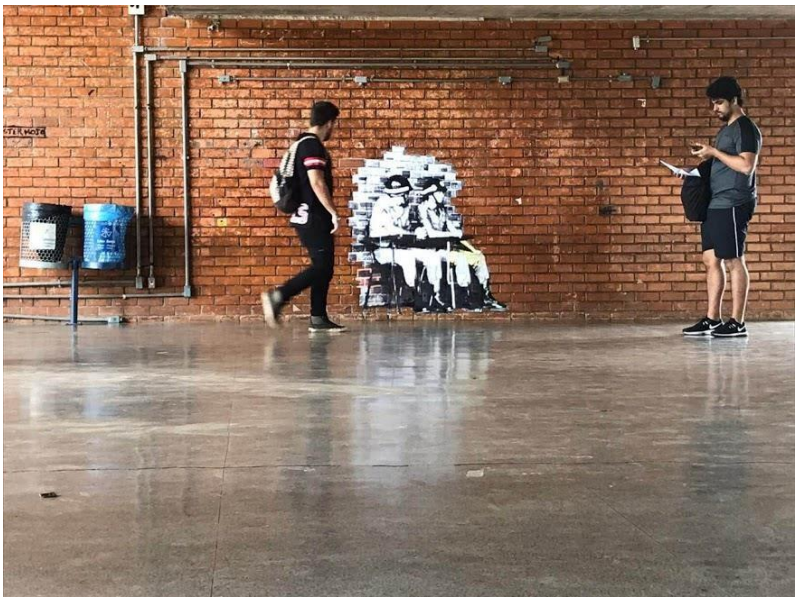


Figura 12

Via lambes na rua e não fazia ideia de quem tinha colado, ou o porquê. Ficava horas pensando nas frases que lia, sempre procurando entender que mensagem aquela pessoa quis transmitir com aquele cartaz. E sempre procurando um próximo cartaz pra ler.

Bell Hooks tem um livro chamado Tudo Sobre o Amor, e justamente o que me deixou cativada e ter vontade de devorar a obra foi uma história que a autora conta no primeiro capítulo: Ela fala sobre uma fotografia que tirou de um grafite que viu num canteiro de obras a caminho do trabalho. O grafite dizia: "a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades". E o impacto dessa obra foi grande para a autora que estava passando por um momento difícil de acreditar no amor. "A frase nos tapumes da construção, junto a desenhos infantis não identificáveis, sempre animava meu espírito. Toda vez que eu passava pelo canteiro de obras, a afirmação da possibilidade do amor se espalhando pelo quarteirão me dava esperança." (HOOKS 2000)

Ela comenta sobre como a pintura falou ao seu coração. Imaginava conversas com o artista discutindo o significado do amor, e lhe contava como seu grafite divertido a ancorou num momento de dor e a ajudou a reestabelecer sua fé no amor. A autora chega a se referir à obra que viu como "meditação diária". Me veio a reflexão de que as paredes, querendo ou não, falam, e as pessoas se sentem afetadas por aquilo que está lá.

> "Depois de muito procurar, localizei o artista e conversei com ele pessoalmente sobre o significado do amor. Falamos sobre a forma como a arte pública pode ser veículo para compartilhar pensamentos de afirmação de vida." (HOOKS, 2000).

Brasília tem essa cultura e uma forma muito peculiar e interessante de setorizar lugares, e não foi diferente com os cartazes lambe-lambes, vistos com bastante frequência, em geral, por pessoas jovens, normalmente em ambientes tidos como "underground" ou descolados. Conic, Setor Comercial Sul, Mercado Sul, inúmeros bares e cafés de público consumidor da arte no DF são celeiros dessa arte.

A cidade também conta com outros espaços, como as famosas Tesourinhas, que são pistas que dão acesso às Superquadras, cortando o Eixo Rodoviário, uma das vias principais do Plano Piloto. Embora de difícil acesso aos pedestres, mas com grande fluxo de

automóveis, elas são palcos notáveis para inúmeros lambes em Brasília. É a arte invadindo espaços. Mas na real, quem é que consome de verdade os lambes da cidade?

ATO III – PASSANDO O GRUDE NO PAPEL

VIVÊNCIAS E ENCONTROS: REFLEXÕES SOBRE LAMBES COMUNS DAS RUAS

Depois de analisar profundamente a história dos lambes desde que comecei esse diário, finalmente tive inspiração genuína para partir pra ação. Resolvi fazer o primeiro lambe por fazer, sem muito conceito, como teste de observação. Olhei um desenho que estava produzindo onde trabalho e vi potencial para um cartaz. Quando dei por mim, havia feito a minha própria *chérette*. Em seguida, saí colando pelos meus trajetos as cópias dessa pintura e escrevi, em cada uma delas, pensando em divulgar meu trabalho como tatuadora, o "arroba" do Instagram, numa pegada bem parisiense, direcionando o público a conhecer o estúdio onde trabalho.

Também organizei entrevistas usando de base a pesquisa de Laura Martini (2008), Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, estruturando para atender três critérios de análise: o interesse, a interação e a provocação. Segundo as ideias de Gomes (1999), a análise de dados inclui principalmente a interpretação. Ou seja, para além dos números, entender os dados qualitativos, suas direções e informações importantes como meios indispensáveis na análise das entrevistas.

Quis focar também, nesse primeiro lambe, na questão do impacto imagético. Quando os cartazes de rua se popularizaram novamente durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria das populações era analfabeta, portanto, o público que consumia os cartazes com muita escrita era pequeno. Quando as casas noturnas de Paris do século XIX usavam os lambes para divulgar suas atrações e shows, buscavam focar nas imagens para incluir o máximo de pessoas possível. Dessa forma, colei meus cartazes pensando em como atingir mais o público e na tentativa de investigar se um desenho sem nenhum conteúdo específico e falas duraria colado mais tempo que um lambe provocativo. Assim, desenvolvi o primeiro cartaz de maneira experimental a partir de um desenho despretensioso e colorido.



Figura 13 - 1ª experiência de Lambe-lambe de Amanda Morais para a pesquisa.



Figura 14

Colei em paradas de ônibus, caixas de energia pela rua, paredes de prédios perto do metrô, perto de bares do Plano Piloto, que vivem cheios, na rodoviária central, nos caminhos que percorro diariamente. Procurei sempre um espaço que indicava que cartazes anteriormente já estiveram por ali.



Figura 15



Figura 16

Outro ponto que inclui invadir espaços e conversar com o público: alcançar mais pessoas. Gente que passa ali todos os dias, gente que tá presa na rotina, gente que nem tem rotina, gente que precisa de um pouco de serotonina. Nem todo mundo vai ao museu. Ou exposição, ou mostra artística ou sarau. Tem gente que nunca foi. Nunca na vida. Eu vejo a arte na rua e a arte de rua como formas de levar arte para outro público. O público que normalmente não tem acesso a isso, não tem tempo ou então não tem interesse. A pessoa que passa é pega de surpresa porque a arte é que foi até ela.



Figura 18



Figura 17

Na disciplina sobre performances, conhecemos a Marina Abramovic e sua obra *The Artist Is Present (2010).* A forma como ela lida com o público e o impacto que ela deixa e as reações com relação a essa obra trazem a reflexão da importância da relação direta com quem consome nossa arte. E nisso, vejo que a obra da Marina impacta no mundo da arte, impacta esse público que frequenta museus, que vai ao Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova Iorque, tendo até a oportunidade de ver ao vivo certas performances. Mas eu trago a obra do artista do grafite que Bell Hooks viu na rua voltando do trabalho como uma situação em que a arte impacta por invadir certos espaços, por ir atrás do público mesmo que de forma inconsciente. Ele é o contexto, o real objeto confrontador, fala por si.

"Imagens que vemos constantemente nos ajudam a entender o mundo que vivemos" - Stuart Hall

Voltando para o primeiro lambe que colei, confesso que no começo achei que as pessoas não estavam vendo os lambes, porém, quando menos esperava, algumas semanas depois, os lambes começaram a aparecer nas redes sociais de amigos e amigos de amigos. Quem me conhece me marcou e pude ter noção do alcance e dos registros alheios. Inclusive meus primos cruzando a rodoviária mandaram no grupo da família.



Figura 21



Figura 20

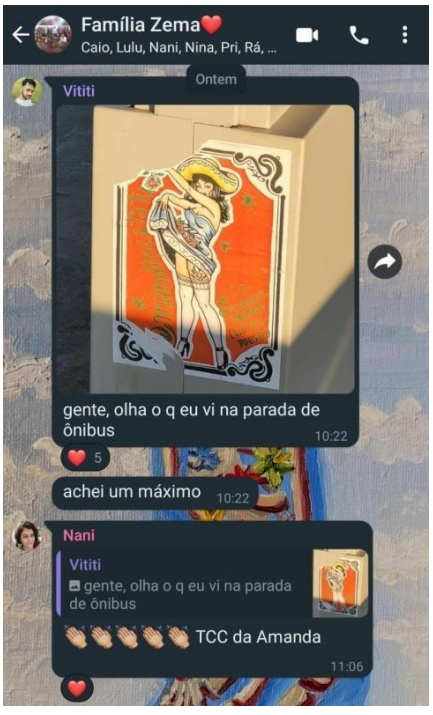


Figura 19 - Prints de Imagens enviadas por conhecidos via redes sociais.

E entender que atualmente o alcance é muito visto pelas redes sociais, e muito almejado dessa forma também, ver essa movimentação cibernética me fez sentir como quando alguém posta algum lambe do Coletivo Transverso. É, de certa forma, minha obra tendo a "validação" popular do que seria o reconhecimento nos tempos atuais de que é arte.

Passar por esses cartazes de novo, vê-los de alguma forma alterados, me remeteram à curiosidade em saber a motivação de quem mexeu neles, que sentimentos foram acionados a partir deles, se ele queria só se livrar daquelas imagens ou simplesmente levá-los para casa.



Figura 23



Figura 22

A cidade em movimento. E sempre nesse fluxo cotidiano, ela permeia nossas vidas sem percebermos. Os caminhos que fazemos nos levam e direcionam muitas vezes a lugares que não esperávamos ir. Nas andanças pela Capital colando os primeiros cartazes para a pesquisa, senti a necessidade de mapear meu deslocamento.

O mais interessante de tudo nesse mapeamento é que o mapa, infelizmente, sempre estará desatualizado. No momento em que saio de perto do lambe que acabei de colar, ele já está sujeito às alterações e reações da rua e da cidade. Observei que, nessas localizações mais cheias e movimentadas, a durabilidade dos cartazes é relativamente baixa, independentemente do tema abordado. Com menos de uma semana, o lambe que colei na Rodoviária do Plano Piloto já estava rasgado, e pouco mais de quatro dias depois que registrei essa primeira alteração, o encontrei já pelo chão:



Figura 26



Figura 25



Figura 24

Quanto a outras localizações que colei, algumas permanecem intactas com apenas um ou outro rasguinho. E outras já ficaram com Deus e foram completamente retiradas.

Após essa primeira experiência de análise de caminhos e respostas a minha investida em investigar o que a cidade tem a me responder, fiquei sem inspiração para o próximo cartaz. Queria mexer com a rota das pessoas diretamente, puxar a atenção agora intencionalmente. E após algumas polêmicas envolvendo pastores de igrejas multimilionárias que pregam um Deus que odeia o orgulho, comecei a trabalhar em um lambe com o objetivo de criticar diretamente a hipocrisia dentro do cristianismo para com pessoas LGBTQIA+ e assim, ver como uma imagem mais provocativa interage com os passantes.

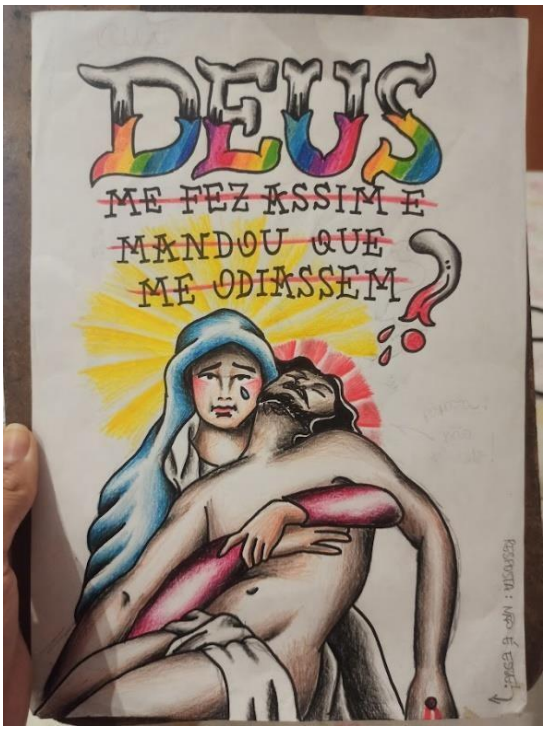


Figura 28 - Lambe-lambe afronta crente 1 de Amanda Morais.

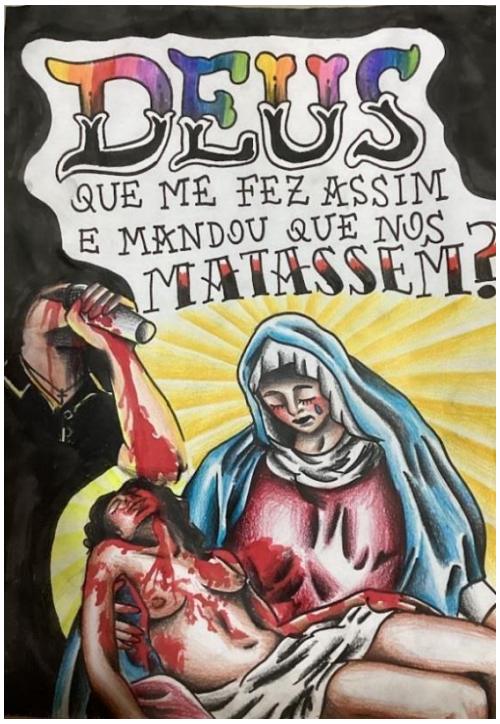


Figura 27 - Lambe-lambe afronta crente 2 de Amanda Morais.

Esse lambe me traz um certo quentinho no coração. Como ex-frequentadora assídua de igrejas evangélicas, sei quão incrustada a LGBTfobia está dentro dos templos que pregam por aí o amor e o não julgamento ao próximo. Quis provocar esse espaço que muitas vezes apenas manipula a cabeça de seus frequentadores com moralismos e conservadorismos vestidos de acolhimento e aceitação. Trouxe a imagem de uma Pietà deprimida e expressiva de uma mãe que perdeu o filho para a violência da sociedade.





Figura 29 *Figura 30*

Colei inicialmente na rodoviária do Plano Piloto e, em menos de 24h, quando passei pelo mesmo lugar, o cartaz já havia sido arrancado. Então colei mais do mesmo lambe no mesmo lugar e em outros espaços da Asa Norte.



Figura 32



Figura 31

Esses cartazes foram os mais interessantes de acompanhar pela cidade. Em uma noite de andanças pela Asa Norte, colei cartazes em mais de cinco quadras diferentes.



Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36

Com o passar dos dias reparei que os lambes que colei próximo de igrejas, templos e escolas foram embora rapidinho.



Figura 37



Figura 38

E os que não foram completamente arrancados em poucos dias tiveram as escritas removidas ou rasgadas para ficarem ilegíveis. Deixaram apenas as imagens desenhadas da minha versão da Pietà. Esses lambes que permaneceram nas paradas de ônibus e foram adulterados pelos passantes tinham realmente o objetivo de provocar e causar reações assim, contudo achei tão interessante alterarem justamente só a parte escrita que fazia a provocação e mantendo a imagem.



Figura 40

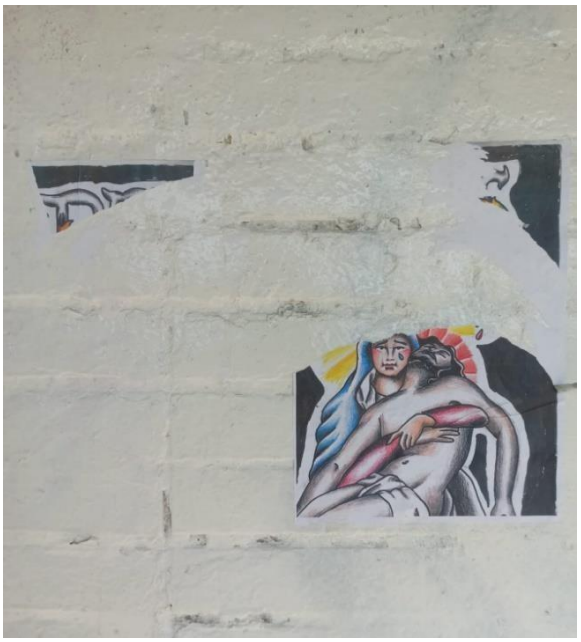


Figura 39

Achei curioso encontrar o lambe da primeira experiência muitas vezes intacto ou pouco danificado e o segundo (afronta crente) sempre de alguma maneira alterado, às vezes até dividindo o mesmo espaço. Me fez questionar muito o impacto do cartaz verbo-visual, comparando as experiências e espaços; no entanto reconheço que o tema abordado diante da crescente onda conservadora e neopentecostal no Brasil é um tópico sensível, então era de se esperar reações mais rápidas.

Assim, decidi complementar o trabalho com uma pesquisa de campo voltada por meio de entrevistas. Procurando entender a percepção sobre os lambe-lambes para além de mim, e com o principal objetivo de conhecer a opinião do público mais diretamente, perguntas subjetivas e diretas foram desenvolvidas de forma que permitissem uma coleta de dados estruturada para uma conclusão satisfatória dentro das questões apresentadas:

1) Você costuma reparar nos lambes pela rua?
2) Qual sua percepção sobre os lambes de Brasília?

3) Em poucas palavras, o que essas imagens te fazem pensar? Ou como você descreveria as imagens?
4) Que tipo de diálogo você estabelece com essas imagens?

Como Martini (2008), inspirada por Gomes (1999), as respostas foram divididas em diferentes categorias para analisar detalhadamente as entrevistas e, assim, desvendar o que está por baixo dos conteúdos através da interpretação de dados qualitativos. No caso dessa investigação, organizei as respostas conforme os seguintes critérios de análise: interesse, interação e provocação, e, assim, responder as perguntas levantadas ao longo da pesquisa. Esses dados foram organizados e depois transcritos para compor esse TCC (encontram-se no Apêndice). Ao todo foram consultadas cerca de 20 pessoas de grupos diversos e listas de e-mail, na faixa etária entre 20 e 52 anos. Como se trata de pesquisa qualitativa, a análise feita vai possibilitar confirmar as hipóteses quanto ao grau de interesse, de interação e de provocação que os lambes despertam na vida dos passantes.

ATO IV – O QUE POSSO TIRAR DISSO?

Análise das entrevistas

Ao analisar as entrevistas, o primeiro critério a ser observado é o interesse, que pretende investigar se as pessoas costumam notar a presença dos lambes no seu dia a dia. Verifiquei que a maioria demonstra se atentar aos cartazes na rua, ainda que algumas respostas mostrem pessoas que só se atentam aos lambes mediante certas condições de critérios pessoais, como a beleza, se são cômicos ou qual a ocasião em que os encontraram, ainda assim ficou claro que há o interesse pela arte (Apêndice).

Já que estamos tentando entender como funciona o diálogo entre as paredes e as pessoas da cidade, apenas o demonstrativo de interesse não é o suficiente para a conversa acontecer. É legal observar minha surpresa ao descobrir que nem todo lambe vai cativar o público como me cativa, ainda mais àqueles que não costumam reparar neles por aí.

Quanto ao segundo critério de análise, a provocação, verifiquei em algumas respostas que o grau de provocação do lambe atinge e incomoda parte do público. O impacto não precisa necessariamente ser positivo para ser válido. A partir do momento em que o cartaz captura sua atenção, ele já conseguiu o que queria, entrar em contato direto com você. Para alguns dos entrevistades, o lambe-lambe em quantidade exagerada passa a ser objeto de poluição. Talvez pela possibilidade de intervenções diretas nos cartazes, por outras pessoas, outros cartazes ou fenômenos

da natureza, alguns se encontrem por aí em retalhos pendurados gerando esse incômodo. Entre os entrevistados tive respostas como estas:

> *Acho poluição visual, deixa as ruas feias* (bartender, 37 anos)
>
> *Em alguns lugares e algumas situações me vem a sensação de sujeira. Em outros, acho que casam perfeitamente com o ambiente de Brasília, faz parte de Brasília* (psicóloga, 27 anos)

Achei interessante os entrevistades responderem sobre onde costumam encontrá-los ou vê-los. Em outras conversas e comentários a respeito das perguntas também comentaram sobre verem poucos lambes fora do centro da capital. Mostra como em Brasília existe um acesso limitado ao lambe, e até uma certa setorização de espaços onde os lambes costumam permear.

Enquanto algumas pessoas são provocadas ao encontrarem os lambes em apenas determinados espaços, outras respostas mostram o impacto visual causado por eles:

> *Vejo muito propaganda, por exemplo, de lava-jato perto da minha casa. E lambes artísticos, perto de bares e restaurantes alternativos mais pelo plano-piloto. Acho muito legais, normalmente eles têm poemas ou frases políticas e costumam ser de esquerda, então é muito difícil ver um lambe com posicionamento de direita ou religioso. Sinto que é uma forma de comunicação muito da esquerda, sabe? Pessoas mais liberais.* (designer, 29 anos)

Além disso, mostram também as reflexões que os cartazes despertam, colocando o público para pensar de maneiras diferentes. Chamou minha atenção a maioria das respostas comentar como lambe-lambes muitas vezes trazem críticas e até mesmo mudanças profundas de pensamento, como por exemplo:

> *Normalmente os que eu reparo falam sobre a realidade da vida num mundo cansativo de trabalho e decepções no geral, ou sobre amor e relacionamentos.* (estudante, 26 anos)
>
> *Geralmente nos fazem pensar sobre o cenário vivido no nosso cotidiano, na cidade ou sobre alguma questão pessoal.* (estudante, 24 anos)
>
> *Me fazem pensar que a vida pode ser mais do que é e que o amor pode ser um peso ou uma saída num mundo ruim.* (estudante, 26 anos)

Outra provocação apontada pelos entrevistades foi os impactos políticos do lambe. Algumas respostas comentaram seu uso como ferramenta político-ideológica, enquanto outras trouxeram a questão de quão democrático é esse tipo de arte, do seu acesso a sua forma de produção:

> *Tem uns bonitos, uns que concordo politicamente e outros muito feios.* (estudante, 24 anos)
>
> *Que arte também é política, descrevo como um estímulo a abrir nossos olhos para o que nos cerca.* (estudante, 27 anos)
>
> *Me fazem pensar e ter uma crítica sobre o momento que a gente tá vivendo. Questões políticas.* (tatuadora, 30 anos)
>
> *Me faz pensar que a galera tá querendo falar as coisas, querendo divulgar e o lambe é uma forma bem democrática de fazer. Qualquer um pode fazer um lambe e ter seu impacto. A duração vai depender do conteúdo e do espaço onde foi botado.* (estudante, 25 anos)

Já em relação ao terceiro e último critério, a interação, que reflete o diálogo estabelecido entre o lambe e as pessoas da cidade de Brasília, constatei que o diálogo se cria a partir do sentimento que os lambe-lambes despertam e provocam nas pessoas. Sentimentos que variam de acordo com a percepção individual. Enquanto algumas pessoas formam um diálogo apenas como observadores, outras o fazem de forma mais interativa, por meio de registro fotográfico ou compartilhamento nas redes sociais:

> *Normalmente eu penso sobre aquilo, as vezes tiro foto, as vezes tiro foto pra mandar pra alguém... Quando são poemas inspiradores e bonitos gosto de postá-los, e eles normalmente me causam uma reflexão.* (designer, 29 anos)

Observei que a maior parte das respostas mostra que os lambes ampliam a visão de mundo de quem interage com eles, estimulando a criatividade e o pensamento crítico por exemplo, quando perguntados sobre que tipo de diálogo estabelecem com o lambe-lambe:

> *Tanto de crítica social, subversão e possibilidade criativa. Traz um sentimento, tem uns que trazem informação, trazem diálogo, trazem cultura* (tatuadora, 30 anos)

Alguns respondentes manifestaram incômodo com a presença dos lambes pela cidade, na minha visão, o diálogo e a interação ainda sim acontecem só que de outra maneira.

POR FIM

Considerações finais

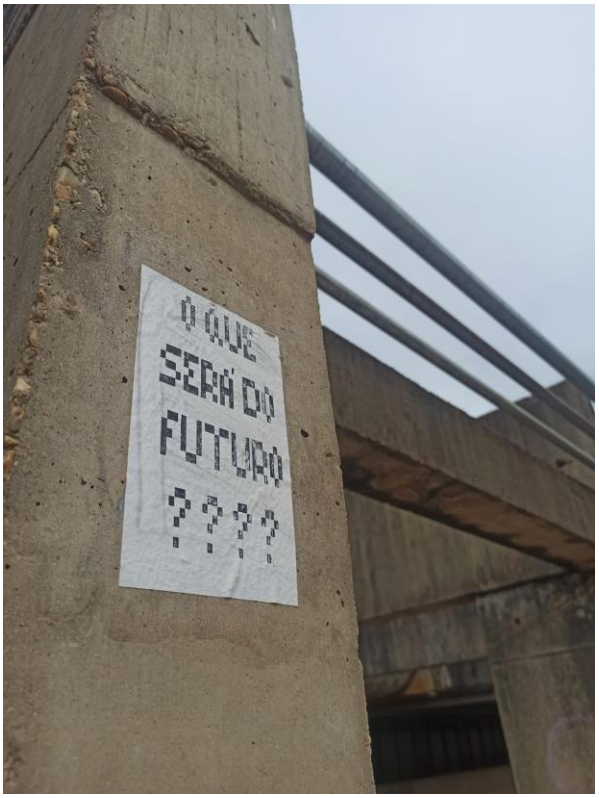


Figura 41 - Lambe encontrado no mezanino do Ceubinho na UnB, autor desconhecide.

Essa pesquisa surgiu da carência de registros acadêmicos dentro das artes visuais sobre a linguagem visual lambe-lambe. Sua relevância se mostra na necessidade mais referências para artistas interessados no processo e em parte da história dos lambes a partir da minha perspectiva, corroborada por entrevistas que também trazem outros pontos de vista a respeito dessa expressão democrática de arte. A efemeridade desse processo artístico faz com que, em sua maioria, não consigamos ter um contato analítico com as colagens. Com a mesma rapidez que alguém passa e cola, alguém passa e arranca, e nesse sistema toda avaliação que poderia ser feita se esvai. Durante todo o processo de investigação, descobri pouquíssimos conteúdos acadêmicos sobre cartazes e lambes, e a maioria deles eram de comunicação e um de sociologia. Sua relevância está na percepção de que essa forma de expressão está, de certa forma, no inconsciente coletivo das pessoas, levando-as a reagirem, independentemente de juízo de valor, a refletirem e a ampliarem horizontes.

Essa investigação também vem da demanda identitária: com quem o lambe-lambe conversa? Já que "identidade" é um conceito descentrado no mundo moderno, através das entrevistas constatei que as paredes da cidade conversam com as pessoas. Daí vem toda a relação do público, de quem passa, com os lambes atropelando suas rotinas. Frases que irritam profundamente e aquelas que te deixam refletindo por dias seguidos.

O lambe é força de expressão da cidade. Uma conversa que comunica e politiza pessoas. Hoje é parte dos prédios, muros, lojas, monumentos e casas, em metrópoles por todo o país. É usado para campanhas eleitorais, promoções ou divulgações do comércio local, eventos culturais; para causas sociais, políticas; para difundir um conhecimento, chamar atenção para causas que envolvam direitos humanos ou saúde pública; ou ainda, para expressar opiniões. Devido a seu custo de produção baixo e à facilidade da técnica de ser executada pela rua, considero o lambe como uma das formas mais democráticas de se produzir e consumir arte. Ele permite não só que a arte invada a rotina de quem passa por onde está colado, mas também que qualquer pessoa possa criar e espalhar sua própria mensagem. É a rua falando com o íntimo de cada um. São as paredes entoando poemas e imagens tagarelando com o público, independentemente de ele gostar ou não de lambes, ele é impactado pela sua presença, já que desperta a atenção, estimula uma opinião e se materializa numa manifestação verbal.

Percebi, com as entrevistas, que há um diálogo interativo, sem palavras, onde as pessoas percebem e reagem de formas diferentes a esses cartazes. Para minha surpresa, existe todo um público que, não apenas desgosta, mas ainda se incomoda profundamente com a disseminação de lambes pela cidade. Para eles, os cartazes são considerados poluição visual, são excessivos, deixam a rua feia, degradam o ambiente, raramente possuem conteúdos profundos ou úteis e poderiam ser até considerados crime ambiental. Por outro lado, também reconhecem os lambes como meio efetivo de comunicação e transmissão de informações.

Também nas entrevistas, percebi que os lambes têm um impacto político de democratização da arte. Os lambes, ao levaram para fora dos museus, permitiram que a arte alcance espaços antes inimagináveis e um público muito mais variado. Pessoas que talvez antes não tinham acesso a conteúdos artísticos e agora podem não só tocar na obra, mas podem alterá-la completamente, amassá-la, rasgá-la, levar para casa. O lambe insere a arte dos contextos do dia a dia e para ele a cidade é uma tela sem molduras, onde se pode transformar as ruas em exposições de arte, invadir o movimento da cidade e, muitas vezes, levar arte e conhecimento para todos os tipos de pessoas.

Impactos visuais e estéticos foram observados durante a parte da pesquisa em que coloquei meus lambes nas ruas. Percebia a interação do público com meus lambes a partir de alterações físicas nos cartazes, como rasgos, tentativa de remoção e remoções de fato. Reparei que a durabilidade deles foi afetada diretamente em razão de seu conteúdo. Meu lambes provocativos tiveram o intuito de realmente observar qual seria a reação do público, e, assim, validar minha perspectiva do lambe como objeto confrontador artístico que questiona, que faz pensar e que divide opiniões.

Impactos ao meu redor foram observados. Desde que iniciei essa pesquisa, ela me seguiu por onde passei. Comentei com quem esbarrou comigo durante todo o processo. E quando dei por mim, um dia no estúdio que trabalhava, meus colegas de trabalho haviam desenvolvido um cartaz para panfletagem que tinha a cara de lambe-lambe. Sugeri para eles e colamos na entrada da loja o desenho. Quando estávamos juntando as folhas para montar o cartaz, percebi que minha pesquisa entrou nesse espaço e de certa forma também invadiu meu ambiente de trabalho e influenciou as pessoas ao meu redor.



Figura 42



Figura 43

Outro impacto foi um trabalho elaborado pelo meu irmão Caiuá Querela em uma ball (competição da cena *underground* LGBQIA+ conhecida como Ballroom Brasil) organizada pelo Coletivo de Transmasculinidades do DF (@bsb.transmasc no Instagram). Ele expôs nesse evento um mural de cartazes que celebram a vida e a presença das transmasculinidades

dentro da cena Ballroom brasileira. Ao conversarmos sobre esse trabalho, ele me disse que foi diretamente influenciado por tudo que leu enquanto me auxiliou nessa pesquisa. Fiquei emocionada de ver como o lambe se tornou uma possibilidade de linguagem artística para Caiuá depois de entrar em contato com ele.



Figura 44 - Foto por Samuel Malta.

Quero que minha pesquisa alimente minha forma de produzir lambe-lambes e, a partir disso, dialogar com o público de outra maneira e ir desvendando os impactos não só como identidade, mas também força de um retrato urbano. Quero também que esse estudo seja um estímulo para que outros artistas explorem novas possibilidades de arte urbana no mundo dos lambes, mantendo vivos essa linguagem tão poderosa e tão acessível a todos e também esse rico e diverso diálogo com a cidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIĆ, Marina. The Artist Is Present. 2010. Performance.

BARROCAL, André. Agente secreto do governo trabalha disfarçado de vigilante na UnB. Carta Capital, Brasília, 13 fev. 2020. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/agente-secreto-do-governo-trabalha-disfarcado-de-vigilante-na-unb/. Acesso em: 14/02/2020

„DEUS odeia o orgulho", diz pastor André Valadão ao condenar comunidade LGBTQIAP+. [*S. l.*], 6 jun. 2023. Disponível em: https://istoe.com.br/deus-odeia-o-orgulho-diz-pastor-andre-valadao-ao-condenar-comunidade-lgbtqiap/. Acesso em: 6 jun. 2023.

FRANCIOSI, Fernando. O JOGO DAS INTERVENÇÕES POÉTICAS: USOS E SIGNIFICADOS EM DISPUTA NAS AÇÕES DO COLETIVO TRANSVERSO EM BRASÍLIA. Orientador: Prof.º Doutor Edson Silva de Farias. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, [S. l.], 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/9179/8168. Acesso em: 7 jan. 2023.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999. c. 4, p. 67-80.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: Novas perspectivas. [*S. l.*]: Elefante, 2021

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. ArtCultura, [*s. l.*], 2006.

MENDES, Edu. O QUE É LAMBE-LAMBE? COMO SURGIU E DICAS PARA DECORAÇÃO. [*S. l.*], 2020. Disponível em: https://doedu.co/o-que-e-lambe-lambe-como-surgiu-e-dicas-para-decoracao/. Acesso em: 9 jan. 2023.

PEREIRA, Alberto. Três tipos de grude para colar os seus lambes. [*S. l.*], nov 2020. Disponível em: https://www.lambesbrasil.com.br/post/quem-cola-sai-da-escola. Acesso em: 9 jan. 2023.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. Educar, [*s. l.*], 2006.

SILVA, HERTHA TATIELY. DESVIOS: CARTAZ LAMBE-LAMBE, COMUNICAÇÃO VISUAL E ARTE NOS ESPAÇOS DE TRÂNSITO. Orientador: Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos. 2015. Dissertação (Pós-graduação em Comunicação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA, 2015.

TRANSVERSO, Coletivo. Atenção: isto pode ser um poema. Brasília: [*s. n.*], 2018. Disponível em: https://www.coletivotransverso.com.br/. Acesso em: 27 nov. 2023.

VERHAGEN, Marcus. O cartaz na Paris fim de século: "aquela arte volúvel e degenerada". In: CHARNEY, L.; SCWARTZ, V. (Org.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

APÊNDICE

Depoimento dos entrevistados

1) Você costuma reparar nos lambes pela rua?

Sim. (artista, 26 anos)

Sim. (motorista de aplicativo, 34 anos)

Sim. (estudante, 24 anos)

Sim. (professor, 52 anos)

Sim. (estudante, 20 anos)

Sim, sempre reparo em paradas, bancos de praça, árvores, postes. (estudante e motoboy, 31 anos)

Reparo sim! Nos lambes e nos grafites. (tatuadora, 30 anos)

Sempre, e para além disso, gosto de tirar algumas fotos. (estudante, 27 anos)

Costumo reparar bastante. (arquivista, 24 anos)

Costumo reparar. (estudante, 24 anos)

Reparo sempre que vejo e às vezes até tiro foto. (estudante, 26 anos)

Reparo bastante. (professor, 25 anos)

Não costumo andar muito na rua, mas quando ando reparo sim. (designer, 29 anos)

Reparo se ele for chamativo, bonito ou cômico. (professora, 25 anos)

Reparo sim, não sempre, em alguns específicos. (psicóloga, 27 anos)

Sim, costumo reparar. Não em todos, mas sempre que tem os que chamam atenção. (estudante, 25 anos)

Não muito. (estudante, 24 anos)

Não muito. (estudante, 21 anos)

Não. (bartender, 37 anos)

Não. (professora, 25 anos)

2) Qual sua percepção sobre os lambes de Brasília?

Costumo ver uma maior quantidade nos arredores da Universidade de Brasília. No centro de Brasília é mais difícil de encontrá-los. (artista, 26 anos)

Vejo muito propaganda, por exemplo, de lava-jato perto da minha casa. E lambes artísticos, perto de bares e restaurantes alternativos mais pelo plano-piloto. Acho muito legais, normalmente eles têm poemas ou frases políticas e costumam ser de esquerda, então é muito difícil ver um lambe com posicionamento de direita ou religioso. Sinto que é uma forma de comunicação muito da esquerda, sabe? Pessoas mais liberais. (designer, 29 anos)

Muito presentes na rua, em alguns espaços bem mais do que outros e isso reflete o conteúdo deles. É uma forma de falar, de se expressar em ambientes que normalmente não estariam. (estudante, 25 anos)

As vezes excessivo, e em lugares desnecessários e pouca visibilidade. (estudante e motoboy, 31 anos)

Que são úteis para divulgar eventos e outras atividades em geral, porém me causa chateação o excesso de uso, e vejo que não existe uma ação de quem colocou, para retirar após ter perdido sua utilidade. (motorista de aplicativo, 34 anos)

Acho poluição visual, deixa as ruas feias. (bartender, 37 anos)

Em alguns lugares e algumas situações me vem a sensação de sujeira. Em outros, acho que casam perfeitamente com o ambiente de Brasília, faz parte de Brasília. (psicóloga, 27 anos)

Grande parte são poemas ou reflexões. (estudante, 24 anos)

Que chamam mais atenção quando são muitos e repetidos. (estudante, 21 anos)

São coloridos e danificados. (professora, 25 anos)

Tem uns bonitos, uns que concordo politicamente e outros muito feios. (estudante, 24 anos)

Alguns chamam muita atenção pelo assunto ou pelo desenho. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. (professor, 52 anos)

Muitos trazem algumas críticas sociais, outros são só bonitinhos mesmo. (professora, 25 anos)

Trazem arte e reflexão para as ruas de Brasília. (estudante, 20 anos)

Normalmente os que eu reparo falam sobre a realidade da vida num mundo cansativo de trabalho e decepções no geral, ou sobre amor e relacionamentos. (estudante, 26 anos)

Acho eles interessantes. (arquivista, 24 anos)

Acho que eles têm uma autoridade no contexto de ser político e de arte. (tatuadora, 30 anos)

Que eles falam muito alto. (estudante, 24 anos)

Acredito que em sua maioria tem um cunho político, afinal por meio deles seus criadores têm uma certa voz para instigar as pessoas a pensar um pouco mais sobre a nossa realidade. (estudante, 27 anos)

Acho que é uma manifestação cultural e democrática sobre o que quer que seja, talvez a maneira mais democrática de difundir urbanamente uma ideia. (professor, 25 anos)

3) Em poucas palavras, o que essas imagens te fazem pensar? Ou como você descreveria as imagens?

Honestamente me faz pensar que degrada muito o meio ambiente, quando em sua boa maioria não tem coisas que me interessam a ponto de ir atrás do serviço. Normalmente estão molhadas demais e com baixa resolução e as vezes degradadas por estarem ali a muito tempo. (estudante e motoboy, 31 anos)

Me faz pensar que a informação pode ser democratizada, através de outras ferramentas, também vale ressaltar que a prática é considerada crime ambiental. (motorista de aplicativo, 34 anos)

Acho desnecessário e me dá é raiva. (bartender, 37 anos)

Geralmente nos fazem pensar sobre o cenário vivido no nosso cotidiano, na cidade ou sobre alguma questão pessoal. (estudante, 24 anos)

Muitas imagens fazem com que refletimos a realidade, a rotina, as diferenças e o ciclo da vida… (professor, 52 anos)

Instigantes. (estudante, 20 anos)

Me fazem pensar que a vida pode ser mais do que é e que o amor pode ser um peso ou uma saída num mundo ruim. (estudante, 26 anos)

Que arte também é política, descrevo como um estímulo a abrir nossos olhos para o que nos cerca. (estudante, 27 anos)

Acho legal por ser uma forma de opinar por meio da arte. (professora, 25 anos)

Depende da imagem, mas não costumo pensar muito sobre. (estudante, 24 anos)

Não me fazem pensar muito, em geral são coloridas e muito chamativas, com uma frase de efeito, raramente são coisas muito profundas. (estudante, 21 anos)

São coloridas, críticas e muitas vezes danificadas. (professora, 25 anos)

Eu presto mais atenção no texto, mas as imagens são simples, geralmente em escala de cinza/preto e branco, e depende muito da ideia vVdque passam. (professor, 25 anos)

Me faz pensar que a galera tá querendo falar as coisas, querendo divulgar e o lambe é uma forma bem democrática de fazer. Qualquer um pode fazer um lambe e ter seu impacto. A duração vai depender do conteúdo e do espaço onde foi botado. (estudante, 25 anos)

Sempre me fazem pensar coisas que eu não estou pensando, ou que não tinha pensado antes. Se um lambe me pergunta como estou hoje, eu ainda não tinha pensado nisso. Sinto que os lambes comunicam ideias fora do nosso pensamento cotidiano. (designer, 29 anos)

Nem sempre um lambe fala comigo dessa maneira, não sou muito fã dos lambes que falam poeminhas. Gosto de lambes com imagem, lambes que me fazem ficar olhando para eles. São imagens efêmeras. (arquivista, 24 anos)

Eu acredito que a gente se faz na interação com os outros e com o ambiente, e essas intervenções conversam com a gente também, e assim acabamos nos construindo. (estudante, 24 anos)

Me fazem pensar e ter uma crítica sobre o momento que a gente tá vivendo. Questões políticas. (tatuadora, 30 anos)

Em algumas situações eu fico reflexiva, muda meu dia quando eu leio alguma coisa ou quando vejo alguma coisa que me traz uma percepção artística. Outros são muito belos de se ver então causa uma sensação gostosa. Descreveria como arte, alguns. (psicóloga, 27 anos)

As vejo como intervenções e possibilidades de incentivo cultural e artístico numa cidade que sofre com o sério problema da higienização dos espaços. (estudante, 26 anos)

4) Que tipo de diálogo você estabelece com essas imagens?

Me faz entender o marketing, me faz ver trabalhos, me faz ver exposições sobre alguma coisa, me faz criar coisas na minha cabeça, ser mais criativa e ter vontade de pesquisar mais sobre aquilo. (psicóloga, 27 anos)

Depende da imagem, muitas que eu vi achei engraçado, outras achei bonitas mesmo, gosto especialmente das que tem frases de reflexão ou coisas do tipo. (professora, 25 anos)

Tanto de crítica social, subversão e possibilidade criativa. Traz um sentimento, tem uns que trazem informação, trazem diálogo, trazem cultura (tatuadora, 30 anos)

Se pudesse arrancava todos, acho horroroso! (bartender, 37 anos)

Eu vejo. Tem uns que passo reto por não me chamarem a atenção. E uso do lambe para projetar a vida para quem só recebe morte. (estudante, 24 anos)

Acho que é uma coisa para transformar meu dia, seja para dar uma risada ou ficar pensando sobre uma parada. (arquivista, 24 anos)

Normalmente eu penso sobre aquilo, as vezes tiro foto, as vezes tiro foto pra mandar pra alguém... Quando são poemas inspiradores e bonitos gosto de postá-los, e eles normalmente me causam uma reflexão. (designer, 29 anos)

Observador. (estudante, 20 anos)

Só observação mesmo, não costumo interagir ou levar frente. (estudante, 25 anos)

Olho e aprecio, mas muitas vezes eles reverberam em mim e criam ideias pra outras coisas. (professor, 25 anos)

Nenhum. (professora, 25 anos)

Apenas reparo quando estou dirigindo. (estudante, 21 anos)

De observadora mesmo. (estudante, 24 anos)

Coragem para tentar impactar o próximo. (estudante, 27 anos)

O lambe: a, Eu: nossa que lambe massa. (estudante, 26 anos)

O diálogo acaba sendo bem natural, dependendo da imagem. Mas normalmente são críticos. (professor, 52 anos)

Achei a pergunta um pouco confusa, mas vou tentar responder... Esse tipo de arte toma a atenção principalmente por estar em locais que eu tenho que passar com frequência no meu cotidiano, então gera uma frequência de reflexões sobre a abordagem que trazem. (estudante, 24 anos)

Quando me atraí, vejo qual a informação está sendo passada. Se for algo do meu interesse, sigo observando, mas se não, passa e não dou atenção. (motorista de aplicativo, 34 anos)

Normalmente são coisas que não me atraem, e como não concordo com a prática acho de verdade que toda vez que vejo um fico chateado por conta de normalmente deixar o ambiente com aparência de descuido. (estudante e motoboy, 31 anos)

Além de admirar as técnicas utilizadas, muitas vezes as imagens permeiam áreas que a própria cidade de Brasília me condiciona a esquecer como: amor, afeto, movimento, diálogo e resiliência. (artista, 26 anos)